

ACBM/FM – 862

Recorte de jornal não identificado, s/ano, s/ nº, com artigo intitulado *Um ator cuiabano em 1970*, de Rubens de Mendonça.

Cuiabá, s/data

UM ATOR CUIABANO EM 1790

Rubens de Mendonça

Quem ler os «ANAIIS DO SENADO DA CÂMARA DO CUIABÁ» vai encontrar a notícia que em agosto de 1790, festejava Cuiabá, o aniversário do Ouvidor DIOGO DE TOLEDO LARA ORDONHES, cujas festas duraram um mês.

Começou como todas as festas de então. Primeiro, função da Igreja, depois seguiam-se as festas profanas. Após o sermão do dia 6 de agosto, pregado pelo reverendo JOSE GOMES DA SILVA à noite houve baile e cinco contra-danças, no dia 7, sábado, repetiram-se as mesmas contra-danças. No dia 8 tiveram lugar as célebres cavalhadas e outras contra-danças, além das danças dos Pardos. Dia 9 e 10, novas cavalhadas «Ourene perseguida e triunfante» (Tragédia de Irene), comédia, segunda a anotação de TOLEDO PIZA. No dia 12, cavalhadas. Dia 14, entremês ou comédia do «SALOIO CIDADÃO», dia 15, domingo, baile à noite; dia 16, comédia ou tragédia do «SALOIO CIDADÃO». Dia 16, comédia ou tragédia «Zenobia no Oriente»; dia 18, tragédia de «D. INÉS DE CASTRO», dia 20, quatro entremeses; 22 e 23, contra-danças sendo ainda nessa noite representada a comédia «AMOR E OBRIGAÇÃO», 24, a comédia do «CONDE ALARCOS», 25, à noite a comédia «TAMELÃO» e a 29, a célebre tragédia de «ZAIRA», do velho VOLTAIRE; mas a coisa não parou só aí. Houve mais; foi a noite da Ópera de «ESIO EM ROMA», cuja crítica, de uma testemunha ocular, devemos à publicação do DR. TOLEDO PIZA e que achamos oportuna transcrever:

«Representou-se a tragédia de «ZAIRA» a acompanhada com o mais jocoso entremês que jamais vi representado. Esta noite foi certamente mais aprazível, a tragédia boa de si mesmo por ser muito terna e comover muito os afetos, suposto que a verificação é um pouco frouxa por efeito do tradutor; os heróis escolhidos, pois representou o papel de OSMAN o incomparável JOÃO FRANCISCO e o de ZAIRA, SILVÉRIO JOSÉ DA SILVA; o asseio e adorno das damas, a propriedade, asseio e riqueza dos vestidos otomanos, distinguindo-se sobre todos os de OSMAN a quem até encarnaram a cara, braços e penas; o asseio do que vestia à francesa; a abundância de ária e recitados, cantados com feliz execução pelo mesmo JOÃO FRANCISCO, e alguns duetos por outros, com letras própria da tragédia (ainda que é imprópria nesta cantarola); as belas sonatas que frequentemente executou a orquestra, que teve mais singularidade nunca vista ao menos no meu tempo em Cuiabá, de possuir uma trompa, a boa iluminação, a bem executada ação das duas mortes e, finalmente, o sobredito entremês que não fez um instante a toda platéia cessar de rir e bater palmas (porque ali estava JOÃO FRANCISCO de velho enamorado) tudo deu lustro e gosto muito grande a função».

Esse tão falado JOÃO FRANCISCO era filho de MARIA RITA, escrava, de profissão carapina, santeiro, encardor e pintor, também exercia a profissão de curandeiro aplicando ventosas e preparando mesinhas e garrafadas com ervas do mato, tocava viola e cantava modinhas, nas serenatas. Nessa época deveria ter 30 anos de idade residia a rua das Trepadeiras, atual PEDRO CELESTINO.

O diabo era que o homem já naquela época sabia ler e recitava trechos de «OS LUSÍADAS» e sabia sonetos de CAMÕES de cor.